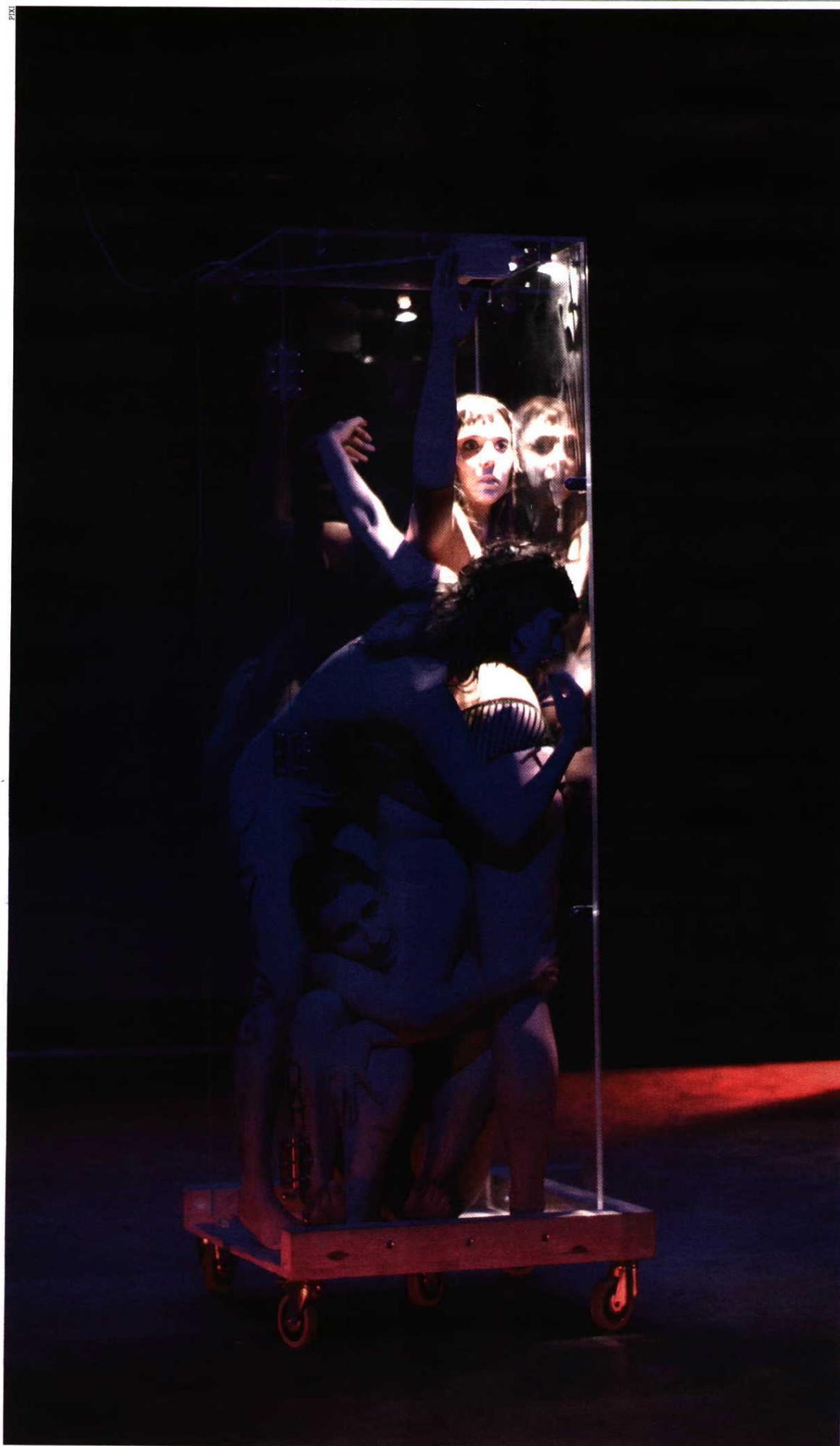




Teatro



Os corpos
dissidentes
da peça dos
Nut passam
uma hora a
construir, a
desconstruir
e a reconstruir
a identidade
neste
universo em
que "somos
cada vez mais
menos
organismo
e mais
máquina"



Mulheres na cabeça dos Circolando, mulheres na cabeça dos Nut Teatro, mulheres na cabeça de Antonia San Juan (ver texto página 20) - de repente, parece que encontramos o país-tema do FITEI deste ano (ou pelo menos o país-tema destes primeiros dias de FITEI, Festival Internacional de Teatro de Expressão Ibérica, no Porto). Encontrámos pelo menos o país-tema dos Nut Teatro, companhia de mulheres que não se preocupa com as mulheres: ocupa-se delas (e isto dito por um homem, Carlos Neira, porque há de facto um homem a ocupar-se destas quatro mulheres: ele, o director artístico da companhia fundada em 2006).

Mulheres na cabeça dos Nut, e de que maneira: elas dão o corpo por este teatro ("Corpos Dissidentes" é ao mesmo tempo um trabalho sobre o corpo e um trabalho sobre o fim do corpo, mas já lá vamos), mas dão sobretudo a cabeça por ele (quando uma destas mulheres é Sarah Kane, e quando sabemos que a seguir a escrever "4.48 Psicose" ela se vai suicidar, sabemos que é exactamente disso que estamos a falar). Dar o corpo e a cabeça por um teatro que se ocupe das mulheres é o programa da novíssima companhia galega que o FITEI mostra já a partir de hoje - antes de chegar ao Porto (2ª, às 21h30, no Teatro Carlos Alberto, TeCA), "Corpos Dissidentes" apresenta-se no Teatro de Vila Real esta noite (22h) e no Teatro Aveirense amanhã (21h30) - e até à próxima sexta-feira, dia em que veremos (às 21h30, também no TeCA) como eles entraram, para nunca mais sair, no texto de Sarah Kane.

Parece um programa, e é, mas em

certo sentido isto de os NUT serem mulheres ao ataque - mais do que mulheres à beira de um ataque - é mais casual do que deliberado. "A companhia nasceu em 2006 como prolongamento do trabalho que eu desenvolvi com quatro atrizes [Nerea Barros, Xiana Carracelas, Iria Sobrado, Arantza Villar] na escola em que dou aulas, em Santiago de Compostela. As quatro atrizes que agora trabalham comigo também se formaram comigo - e a dada altura, quando encontramos um produtor, decidimos montar este projecto. Na verdade eu sempre tive uma relação de trabalho especial com atrizes, com mulheres. Com mulheres os resultados são sempre mais arriscados, são sempre mais directos, e eu sinto-me confortável com isso. O trabalho que fazemos não é feminista mas é feminino. Não no sentido de termos preocupações, mas de termos ocupações: ocupamo-nos do feminino", diz-nos Carlos Neira, por telefone. O que é que ganham com isso? "O olhar feminino é totalmente um outro espaço de intervenção - e permitenos trabalhar numa dimensão que nos parece importante não por uma questão de oportunidade mas por uma questão de necessidade. Sentimos a necessidade de ter mulheres a impor nas artes performativas um olhar oriundo desse outro lado. Há claramente défice de mulheres no teatro contemporâneo".

Há claramente um défice de mulheres no teatro contemporâneo que se faz na Galiza, uma região cuja paisagem teatral é particularmente conservadora - e também é por aí que os Nut Teatro estão no FITEI, para que saibamos que há vida (que começa a

haver vida) na Galiza, uma vida que o Governo regional da Galiza quer exportar: quinta-feira os responsáveis pelo Plano Galego das Artes Cénicas estão no Porto a apresentá-lo, à atenção dos programadores portugueses. "Na Galiza ainda não há uma tradição de teatro contemporâneo. Há uma tradição de teatro - companhias com uma trajectória importante e com bons actores. Nós queremos dar o corpo por um teatro mais performativo, mais arriscado, e mais carregado de discurso. Nem sempre é fácil, mas o caminho começa a fazer-se e creio que há um futuro para isto", explica Carlos Neira.

O corpo e a cabeça

Também é disso, do futuro - de como tudo aquilo que achávamos que ia ser o futuro já é o presente -, que eles se ocupam em "Corpos Dissidentes", o trabalho em que essa dimensão performativa dos Nut Teatro é mais evidente (é um espectáculo que tanto é teatro como dança, instalação, performance e vídeo). O futuro das cirurgias plásticas, o futuro da realidade virtual - este futuro em que o corpo se tornou obsoleto (e em que, apesar disso, o corpo continua a ser tudo). "O corpo passou a ocupar um espaço novo - não um espaço secundário, mas um espaço novo. Como identidade, o corpo é obsoleto. A identidade deixou de estar no corpo, porque com a cirurgia plástica podemos trocar de corpo e com a Internet podemos dispensá-lo. Ao mesmo tempo continuamos a investir tudo nele porque, embora se tenha tornado obsoleto ao nível da identidade, como publicidade, como reclame, continua a ser um instrumento indis-

pensável. Mas é um instrumento que temos de questionar, que temos de rever", argumenta o encenador.

Os corpos dissidentes da peça dos Nut passam uma hora a construir, a desconstruir e a reconstruir a identidade neste universo em que "somos cada vez mais menos organismo e mais máquina, menos corpo e mais virtualidade, próteses e códigos numéricos em que os vírus informáticos, a sida e o terrorismo marcam novas agendas transpóliticas". Fazemo-nos a partir de uma paisagem inicial que é todo um programa: corpos dentro de vitrinas, como num museu, "que é um cemitério, um armazém, um sítio onde as coisas ficam paradas a perder vida", em vez de a ganhar.

"4.48 Psicose", o outro trabalho dos Nut Teatro que vamos ver no FITEI, sai do corpo para entrar na cabeça - na cabeça de Sarah Kane, àquela hora em que as coisas se tornam mais claras, mas também mais terminais. Ao contrário de "Corpos Dissidentes", uma criação colectiva totalmente saída da cabeça da companhia, "4.48 Psicose" é um trabalho radicalmente concentrado no texto da dramaturga britânica. O texto, uma actriz (Arantza Villar) e um actor (Carlos Neira, que também encena): não há mais nada aqui. "Todo o texto, absolutamente todo o texto. Não se corta nada, não se acrescenta nada, não se muda nada. O texto já diz de tal maneira tudo que decidimos fazer um trabalho absolutamente sem artificios: dois actores num espaço branco, sem cenário, sem mudanças de luz, sem banda sonora, sem nada que possa estorvar o texto. Acima de tudo, o que nos interessava era não dissimular a violência do texto, a brutalidade desta nota de suicídio - porque além do mais este texto é verdade", justifica o encenador.

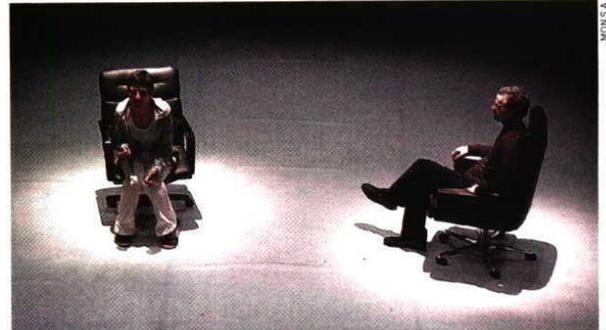
Sarah Kane a alimentar-se do seu próprio cadáver - a "tomar comprimidos, [a] cortar os pulsos e [a] enforçar-se" na ficção, antes de a ficção substituir a realidade, e com muito pouco tempo de intervalo. Ser verdade torna-o um texto particularmente difícil: primeiro é difícil entrar, depois é difícil sair. Eles foram ao texto e não voltaram: ficaram lá, porque está lá tudo. "Passar por isto foi uma experiência muito interessante porque quando começamos a trabalhar no texto parece que já o temos todo na mão; depois percebemos que só ao fim de uma grande e prolongada trajectória lá dentro é que podemos dizer se conseguimos ou não entrar. Porque na verdade há muitos sítios por onde entrar neste texto", diz Neira.

Eles entraram por um dos lados que lhe interessa: "4.48 Psicose" é o texto de uma mulher, com uma mulher dentro. É isso que os Nut Teatro têm sido - uma companhia de mulheres, com mulheres dentro. É isso que querem continuar a ser.

O corpo delas por este teatro

Há vida na Galiza - uma vida que pode não ser vida, como em "4.48 Psicose", de Sarah Kane, e uma vida que pode não ser a vida a que estávamos habituados, como em "Corpos Dissidentes", os dois espectáculos de uma novíssima companhia galega que o FITEI mostra já a partir de hoje. Vamos à Galiza rapidamente e em força, então, com os Nut Teatro. *Inês Nadais*

Os Nut Teatro é uma companhia de mulheres liderada por um homem, Carlos Neira



Ao texto de Sarah Kane, "4.48 Psicose" não se acrescentou nem se cortou nada